



ENSINAR EXIGE PESQUISA: AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA NO PERÍODO DO ESTÁGIO COMO PESQUISA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jéssica Muniz Freire¹

E-mail: jessicamuniz479@gmail.com

Milena de Sousa Brito¹

Maria de Fátima Pereira Carvalho²

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

RESUMO

Este texto é resultado das vivências no Estágio como pesquisa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido em uma escola municipal da cidade de Guanambi-BA com crianças de faixa etária entre oito e nove anos, em uma turma do segundo ano. A pesquisa buscou trazer reflexões acerca das práticas pedagógicas e da importância de se ter bons profissionais de educação no período do estágio como pesquisa, que dentro das relações, das vivências e dos compartilhamentos de saberes influenciam na formação de novos/as professores/as. A pesquisa é de cunho qualitativo, com estudos de textos sobre estágio, pesquisa e formação docente e análise documental dos documentos orientadores do Ensino Fundamental, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG), além da observação participante do cotidiano na escola. Os dados foram gerados a partir do diário de campo, fotografias e de diálogos com as professoras da turma e com a coordenadora pedagógica da escola. As vivências e aprendizagens decorridas do estágio como pesquisa, nos levou a concluir como o fazer pedagógico construído diariamente exige sempre um aporte teórico, e para isso precisamos de professores/as pesquisadores/as, pois não tem como se pensar em educação libertadora e democrática, àquela que não repensa as próprias ações, e que se faz e refaz cotidianamente em vistas de garantir a aprendizagem das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio como pesquisa. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ações Pedagógicas. Práxis.

INTRODUÇÃO

O Estágio como pesquisa no curso de Pedagogia demarca uma etapa importante para a formação de novos/as professores/as da Educação Básica. A experiência de transpor para o ambiente de futura atuação se tece como o momento de refletir acerca das práticas e vivências que acontecem diariamente nas escolas, dentro das convivências entre aluno/a com aluno/a, aluno/a e professor/a, alunos/as e estagiários/as e estagiários/as e professores/as. É nessa troca de conhecimentos e saberes que o/a estudante de Pedagogia poderá pesquisar e refletir acerca

¹ Estudantes do nono semestre de Pedagogia da UNEB-Campus XII.

² Professora da Universidade do Estado da Bahia –Campus XII.

das diversas ações que surgem no período do Estágio. Como já dizia Freire (2002, p. 16), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. [...] Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.”

Dentro da Universidade, desde as primeiras disciplinas que os/as estudantes passam a estudar, a questão sempre levantada refere-se à importância do/a professor/a que reflete acerca de suas práticas, que questiona tudo o que está sendo posto, em suma, defende a existência do/a professor/a crítico/a e reflexivo/a. E é nesse lugar de sempre questionar sobre o observado que somos então inseridos/as no campo do estágio como pesquisa, momento demarcado para construir saberes junto com esses/as professores/as e crianças, relacionando a teoria e a prática, com o objetivo de construir conhecimentos e não de julgamentos e condenações.

A partir dessas premissas, é então realizado o estágio como pesquisa no curso de Pedagogia, pelo componente curricular Pesquisa e Estágio III: anos iniciais do Ensino Fundamental, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XII, do qual se fundamenta esse estudo. O campo de atuação foi uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Guanambi-BA, em uma turma de segundo ano, com crianças de faixa etária entre oito e nove anos de idade, no período de setembro a outubro de 2022. Essa turma era acompanhada por duas professoras: Professora Rosa³ e Professora Violeta⁴, sendo a primeira responsável pelos componentes curriculares: Português, Matemática, Ciências, Geografia e Interculturalidade, e a segunda professora lecionava Artes e Educação Física, à época da pesquisa.

Através então, da inserção nesse ambiente foi possível observar, analisar e participar de todo processo pedagógico. Neste sentido, interrogamos: Como se tece a relação teoria e prática no cotidiano escolar da educação básica? Como se dá a construção de saberes pedagógicos a partir da relação entre estagiários/as, professores/as e alunos/as no momento do estágio como pesquisa? Como as ações pedagógicas dos/as professores/as poderão influenciar ou não, nas aprendizagens dos/as estagiários/as e contribuir com a sua formação docente?

Desta maneira, o estudo tem como objetivo compreender as ações pedagógicas, e como no período do estágio como pesquisa, dentro das relações, vivências e compartilhamentos de saberes influenciam na formação de novos/as professores/as. Assim, a pesquisa é de cunho qualitativo, com estudos de textos sobre estágio, pesquisa e formação docente e de análise documental dos documentos orientadores do Ensino Fundamental, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN, 2010) a Base Nacional Comum

³ Nome fictício.

⁴ Nome fictício.

Curricular (BNCC, 2018) e a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG, 2020), além da observação do cotidiano na escola. Os dados foram gerados a partir do diário de campo, fotografias e de diálogos com as professoras da turma e com a coordenadora pedagógica da escola.

Para uma melhor compreensão e organização desse estudo, o texto foi dividido em tópicos que buscam trazer reflexões e discussões acerca das ações pedagógicas observadas no período do estágio como pesquisa, além de apresentar a docência compartilhada que se sucedeu a partir dos dados que foram gerados na semana de observação participante, e por fim, são apresentadas as considerações finais.

PROFESSORA PESQUISADORA: AÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NO COTIDIANO ESCOLAR

A etapa dos anos iniciais do ensino fundamental, em seus três primeiros anos é demarcada pelo ciclo da alfabetização, na qual as crianças irão apropriar-se da leitura e escrita de palavras, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2010) e referendadas na BNCC (2018), e ao que compete as especificidades desta etapa, é posto pela DCN, que ela deve assegurar em seus três primeiros anos:

a) a alfabetização e o letramento; b) o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, de Ciências, de História e de Geografia; c) a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo, e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro (BRASIL, 2010).

Para a concretização dos objetivos postos nesse período, se faz necessário um/a professor/a que entenda todas as dimensões do que é e como alfabetizar, e de acordo com Soares (2018), esse processo não é simples, pois é necessário compreender que a alfabetização não é a aprendizagem de um código, com a memorização progressiva de letras, sílabas e palavras fazendo relação som e letra, mas se tece na compreensão do que a escrita é um sistema de representação e a notação com que, arbitrariamente e convencionalmente são representados os sons da fala. É preciso que essa aprendizagem seja relacionada com o uso social da linguagem e escrita: ler, interpretar, produzir textos, etc.

Assim, a prática de ensinar deve ir muito além da transmissão de conhecimento, a experiência em sala de aula entre professor/a e aluno/a não deve ficar estagnada em uma transmissão conteudista. Estamos de acordo com Freire (2011, p. 24), quando diz que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas é aquele que cria possibilidades para a sua construção e produção”.

A escola campo, na qual foi realizado o estágio como pesquisa está inserida em um programa de alfabetização chamado ProsSeguir⁵. Este Programa, que tem como material pedagógico livros didáticos, com impressões preta e branca, são usados diariamente na instituição, segundo os relatos da coordenadora e das professoras. É defendido pelas DCN (2010, p. 123), que “as escolas devem propiciar ao aluno condições de desenvolver a capacidade de aprender, como quer a Lei nº 9.394/96, em seu artigo 32, mas com prazer e gosto, tornando suas atividades desafiadoras, atraentes e divertidas.”, assim, vemos esse tipo de material (livros didáticos), se não bem utilizados, como um formatador das práticas, priorizando somente os conteúdos e transformando as ações em mera repetição e pragmatização, que invisibilizam os saberes das vivências cotidianas relacionados com os saberes sistematizados histórica e cientificamente, como defendido na BNCC (2018) e referendadas na Base Municipal Comum Curricular do município de Guanambi (2020, p.153).

Concordamos com Pimenta e Lima (2014), quando dizem que “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”. Assim, compreendemos que se o/a professor/a que tiver acesso a esse tipo de material não for um/a professor/a que reflete, ele/a será somente um/a reproduzidor/a, sem a devida preocupação com o ensino-aprendizagem dessas crianças.

Em todo o período de observação participante do estágio foi possível ver nas ações da professora Rosa, a criação diária de estratégias para que seus/as alunos/as aprendessem, traçando caminhos para a apropriação da leitura, da escrita e de conceitos matemáticos pela turma. Em diálogos, ela nos conta como compreende a importância de sempre trazer um material concreto, ou um recurso diferente para a explicação de um novo conteúdo, e que para essa produção são necessários estudos e um entendimento acerca das necessidades de

⁵ Este programa tem parceria com a Fundação Lemann, no qual “tem como propósito prestar assessoria técnica gratuita aos municípios partícipes para apoiá-los na implementação de boas práticas de gestão[...] O programa se realiza na construção de uma política pública educacional que assegure a alfabetização das crianças na idade certa e a aprendizagem adequada dos conteúdos nas séries iniciais do Ensino Fundamental” (ASSOCIAÇÃO BEM COMUM, 2018).

aprendizagens, tendo sempre um aporte teórico. Essa ação da professora demonstra como a teoria não se desvincula da prática, ela se constrói cotidianamente, numa práxis incessante, “é na reflexão e na ação situada (práxis) que o professor constrói seus saberes e produz o conhecimento pedagógico. Como investigador do próprio fazer, fecundado em uma teoria, institui suas ações e constrói conhecimentos pedagógicos” (GUASSELLI; VARGAS, 2020, p.19).

Dessa maneira, observar a postura de uma professora pesquisadora, que está verdadeiramente preocupada com o ensino-aprendizagem dos/as alunos/as, é uma inspiração para estagiários/as que adentram esses espaços, no qual podem assim relacionar a teoria e prática, para que compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações realizadas por seus profissionais (PIMENTA; LIMA, 2004), sendo um momento de reflexão, análise e compreensão acerca do futuro campo de atuação.

APRENDIZAGENS CONSTITUÍDAS DURANTE A DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tendo em vista, os objetivos voltados para esta etapa de alfabetização e letramento, e de tudo que foi visto no período de observação e das práticas construídas pela professora Rosa, como também da observação das aulas de Artes e Educação Física ministradas pela professora Violeta, pudemos então traçar o nosso plano de ações, desenvolvido durante a semana de docência compartilhada. Assim, buscamos participar do momento de Atividade Complementar (A.C.) da professora Rosa, no qual foi usado neste dia para fazer o planejamento de aulas juntamente com a coordenadora da instituição, um momento importante para alinharmos nossas ações em um projeto de continuidade das atividades feitas pela professora.

A semana da docência compartilhada, antecedia à semana das crianças, do dia 12 de outubro, e a professora Rosa, que já vinha trabalhando com as crianças sobre a cultura indígena, falando sobre os costumes, culinária e brincadeiras, sugeriu que fizéssemos então um plano de ações interdisciplinar sobre brinquedos e brincadeiras tradicionais brasileiras, que viria a alinhar com o trabalho dela, tanto ao que já estava sendo realizado, quanto ao que ela iria dar prosseguimento após a semana da docência compartilhada.

Acolhemos então a ideia, não somente pela sugestão da professora, mas principalmente, pela observação de que as crianças sempre brincavam das mesmas coisas na hora do intervalo, como também da ansiedade que elas estavam pela semana em questão que seria marcada por

um passeio⁶, no qual elas poderiam “*conhecer o local e brincar bastante*” (Menina, 8 anos, dados do diário de campo), e que vimos como um momento que elas poderiam vivenciar as brincadeiras que desenvolveríamos em sala.

Apesar de tentar fazer um trabalho interdisciplinar sobre brinquedos e brincadeiras, também teve que ser trabalhado com as crianças alguns conteúdos programados que dava seguimento ao trabalho da professora regente, como nas aulas de matemática, ciências e geografia. Mas, para que as aulas não fossem um “despeja caixa”, buscamos utilizar os métodos da professora, através de recursos variados para apresentação dos conteúdos, levantando questionamentos a turma para pensar além do observado. Segundo Pimenta e Lima (2005-2006, p. 3):

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. [...] Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram.

O que compreendemos que essa imitação se dá a partir de uma análise crítica do observado, na aquisição e apropriação daquilo que tem sentido em ser reproduzido na prática escolar, e como diz Freire (2011, p.25): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, e esse momento de estágio foi uma grande troca de experiências com essa professora. Assim, enquanto em todas as disciplinas que eram ministradas pela professora Rosa buscamos seguir o que ela fazia, já nas aulas de Educação Física e Artes sentimos a necessidade de inovar e buscar trazer para as crianças, novas experiências.

Desta maneira, realizamos no primeiro momento, no horário da aula de Artes, uma exposição de pinturas do artista plástico Ivan Cruz⁷, juntamente com uma proposta de trabalho com as crianças, para que inspiradas no que foi observado, fizessem uma pintura sobre os brinquedos e brincadeiras que elas mais gostavam, em um contexto de pintura que preparamos no espaço externo da sala, como é possível observar na figura 1:

⁶ O passeio aconteceu no Parque da Cidade de Guanambi-BA com as duas turmas de 2º ano no último dia do estágio.

⁷ Ivan Cruz é um artista Plástico brasileiro e baseia seu trabalho na frase que criou: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração”, com o objetivo de divulgar o máximo possível o resgate ao lúdico, à imaginação e incentivar ao máximo o desenvolvimento realdas nossas crianças no feliz mundo das brincadeiras (Projeto Brincadeiras de Criança, 2016).

Figura 1: Crianças em contexto de pintura



Fonte: Banco de dados da Pesquisa no Estágio como pesquisa, 2022.

Já para a aula de Educação Física, que acontecia no segundo horário, quando inicialmente falamos da proposta de ir para a quadra para uma aula de dança e movimento, como é possível observar na figura 2:

Figura 2: Crianças participando da aula de dança e movimento



Fonte: Banco de dados da pesquisa no estágio, out, 2022.

Para esse momento de aula de Educação Física, convidamos um estudante do quarto semestre do curso de Educação Física, da Universidade do Estado da Bahia, DEDC XII que nos auxiliou e foi um importante momento de formação também, tanto para nós estagiárias, quanto para a professora da turma que acompanhava no momento, em uma tentativa de atender a demanda que demonstrou ter inicialmente de uma falta de formação em Educação Física. Nessa perspectiva, concordamos com Pimenta e Lima (2005-2006, p. 21), ao afirmarem que

o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais.

Desta maneira, vemos na construção desse trabalho coletivo entre Universidade e Escola da educação básica, em que uma não se isola da outra, que nesse caminhar juntas podem promover grandes momentos de pesquisa e uma renovação dos conhecimentos firmados na escolarização.

Ademais, os conhecimentos construídos coletivamente com as professoras e com as crianças na semana de docência compartilhada reafirmam que os saberes construídos no campo da experiência fortalecem a necessidade da indissociabilidade entre a teoria e a prática. As diversas ligações que se tecem na busca de caminhos que promovam aprendizagens coletivas, que não sejam de transmissões conteudistas, mas para a promoção de práticas pedagógicas participativas que atendam às vivências e as necessidades da comunidade escolar, leva de fato, a acontecer o ensino-aprendizagem de forma significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos então, a partir da pesquisa que o estágio é um importante campo de conhecimento para o/as futuros/as Pedagogos/as. É nessa transposição de ambientes que podemos vivenciar a teoria na prática e vice-versa, o que compreendemos que ela não deve se desvincular uma da outra, pois um/a professor/a que está com suas bases firmes no questionamento, na busca da curiosidade, em procurar meios para que o ensino-aprendizagem aconteça em sua sala de aula, se assumirá, sempre, como professor-pesquisador.

Nesse sentido, ao vivenciar uma experiência de estágio enquanto pesquisa com uma professora comprometida com o ensino-aprendizagem de seus/as alunos/as, que busca, pesquisa e inova, é de grande contribuição para o momento de formação dos/as estagiários/as, pois como diria Freire (2011, p. 28) “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

Educador esse que, sendo sujeito que indaga e está sempre em movimento na busca e na defesa de uma educação de qualidade para todos/as, pois compreende que estamos lidando com seres humanos e não com máquinas. Que se tece na construção de uma prática pedagógica que escuta, que leva em conta as vivências e experiências das crianças, na qual podemos passar a vê-las também como sujeitos históricos que fazem parte da sociedade desde o primeiro suspiro de vida e não quando já adultas, formadas e trabalhando.

Assim, precisamos rever qual Pedagogia defendemos, pela que realmente está acontecendo nas escolas, principalmente com qual projeto de sociedade embasamos e que

queremos para essas crianças. Pois antes de alunos/as, são crianças, são gente, são humanos, de direitos e com subjetividades e, portanto, exigem respeito, cuidado e acolhimento em qualquer etapa da Educação.

Desta maneira, ao vivenciar a experiência do estágio como pesquisa, na convivência com as crianças, vemos que é na busca de uma escola de crianças, com crianças, para crianças, que garante o ensino e aprendizagem, na qual está embasada em conceitos teóricos, estuda e busca compreender todas as especificidades de processos de aquisição de conhecimentos pelos/as alunos/as, que poderemos então promover meios para que exista uma educação mais igualitária e emancipatória.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2018.

CRUZ, Ivan. Projeto **Brincadeiras de Criança**. 2016. Disponível em: <https://www.ivancruz.com.br/>. Acesso em: nov. de 2022.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUANAMBI. Secretaria de Educação. **Base Municipal Curricular de Guanambi**. 2020.

GUASSELLI, Maristela Ferreira Ruy; VARGAS, Neide Beatriz Rodrigues. **Organização da Ação Pedagógica da Educação Infantil**. Documento Orientador, Caderno 2, Rede Municipal de Ensino Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poiesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SOARES, Magna. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2020.